

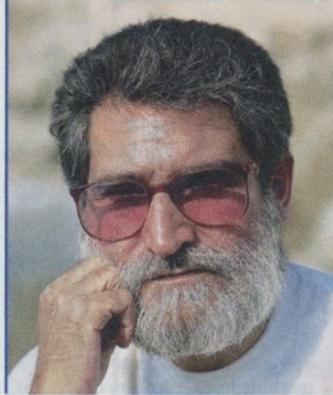
Ano XXIX / N.º 1015  
De 26 de Agosto  
a 8 de Setembro de 2009  
Portugal (Continente) € 2,60  
Quinzenário

Director  
José Carlos  
de Vasconcelos



**JL**  
CENTRAL  
LIVRO  
EDUCACIONAL

**JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS**



## Pepetela O PESO DAS PALAVRAS

Escrita, Angola, crise, ganância, ética, Universidade e outros tópicos, num texto do Prémio Camões • *O Planalto e a Estepe*, lido por Pires Laranjeira

P 16 / 18

## ALICE VIEIRA

## DO OUTRO LADO DO ESPELHO

Entrevista de Maria Leonor Nunes  
e texto de Ana Margarida Ramos P 10 / 13

Leonor Xavier escreve sobre Raul Solnado • Tiago Gomes, cultura 'alternativa' • Art Deco em Serralves azul em Arzila • O crónica de Helder Cultural • Camões cação Ana Maria com Fernando



e no CCB • João Paulo: Jazz entre aspas • Agosto elogio da política, por Mário Soares • Allgosto, a Macedo • A autobiografia de Isabel Fraga • Agenda Uma exposição sobre Fernão Mendes Pinto • JL/Edu-Bettencourt, a nova presidente do CNE; Entrevista Catroga, historiador: «Dar futuros ao passado»



**Alice Vieira**

# A escrita é a minha profissão



FOTO DE MARCOS BORGA

Há 30 anos estreou-se como autora infanto-juvenil com o logo premiado *Rosa, minha irmã Rosa*, que seria o seu primeiro grande sucesso. Com uma vasta bibliografia, editada em diversos países, presença constante em escolas de todo o país, e não só, centenas e centenas de milhares de exemplares vendidos e numerosas distinções, Alice Vieira é também uma magnífica «contadora de histórias» para todas as idades e uma figura a vários títulos singular, como se vê da entrevista que a seguir se publica. Por sua vez, Ana Margarida Ramos, prof.<sup>a</sup> da Universidade de Aveiro, especialista naquele 'género' literário, analisa a sua obra, considerando que os seus livros «determinam e ilustram uma mudança do paradigma literário, por altura do final dos anos 70, no que respeita à escrita para crianças e jovens»

**MARIA LEONOR NUNES**

**N**uma das inúmeras sessões que faz em escolas, ouviu uma aluna comentar à boca pequena: «Professora, ela tem cá uma energia». Não podia ser mais perspicaz a observação. Alice Vieira, 66 anos, transpira energia por todos os poros. É de uma vivacidade eletrizante, há nela uma corrente de alegria que lhe acentua os gestos soltos, o olhar directo, o riso franco e aberto. Daí a presença forte na vida e na Literatura.

É uma das passageiras mais frequentes do primeiro comboio da manhã, em Santa Apolónia, tantas são as escolas, de Norte a Sul do país, uma média de 80 por ano, onde vai falar dos seus livros e cultivar o gosto pelas palavras e pela leitura. E é por certo uma das melhores clientes dos Correios, tanta a correspondência que mantém com os seus leitores. Brios do ofício.

A escrita é a sua profissão, ainda que como salienta não sejam muitos os que assumem tal título profissional na Sociedade Portuguesa de Autores. Ela leva-o a sério, com o mesmo rigor e disciplina com que anos a fio foi jornalista em diários, primeiro no *Diário de Lisboa*, depois no *Diário de Notícias*. Mantém colaborações regulares com as revistas *Activa* e *Audácia* e com o *Jornal de Notícias*, mas é agora escritora a tempo inteiro. Coisa que não lhe passava pela cabeça, embora o coração talvez o desejasse desde sempre, quando há 30 anos publicou o primeiro livro, *Rosa minha irmã Rosa*, já na 20.<sup>a</sup> edição. Alice Vieira escreveu essa história por «brincadeira» para os filhos – André Fonseca, professor universitário, e Catarina Fonseca, também escritora e jornalista, e talvez tenha sido o

marido na altura, Mário Castrim, que a enviou para o concurso que a Editorial Caminho lançou para assinalar o Ano Internacional da Criança. Venceu e o êxito foi tal que logo a editora lhe pediu um segundo livro.

Não é por acaso que a primeira recordação da infância é ver-se diante de um espelho a contar histórias a si própria. Passou depois a inventá-las para os outros, diante do papel.

Já vendeu mais de dois milhões de livros, publicou umas sete dezenas de títulos – *Os olhos de Ana Marta*, *A lua não está à venda*, *Flor de Mel*, recentemente premiado na Suécia, *O Casamento da Minha Mãe*, *Águas de Verão*, *A Espada do Rei Afonso*, *Histórias Tradicionais Portuguesas*, *Contos e Lendas de Macau*, *A vida nas palavras de Inês Tavares*, entre outros. Uma soma a que só este ano vai acrescentar quase uma dúzia de obras. Está a escrever um novo romance para sair em Outubro, *Meia hora para mudar a minha vida*. Na altura, vai lançar também *Rimas perfeitas*, *Imperfeitas e mais que perfeitas* e mais um *Livro dos Cheiros*, ou *Histórias de Greene para meninos valentes*.

Até ao fim do ano, a escritora irá ainda fazer uma investigação em Porto Santo, para terminar um romance histórico sobre uma seita chamada Os Profetas, que existiu naquela ilha no século XVI. E também um texto para ser musicado por Eurico Carrapatoso para a Orquestra Metropolitana de Lisboa. A seguir, vai dedicar-se ao seu primeiro

romance para adultos a solo, previsto para Março do próximo ano.

Como gosta de dizer, bem-humorada, trabalha para cinco patrões, a Caminho, a Texto, a Oficina do Livro, a Casa das Letras e a Dom Quixote, e não tem mãos a medir. Tem a agenda completamente cheia até 2012. Não pára. Nem podia, por causa da «comichão» nos dedos que continuamente lhe pedem escrita.

**Jornal de Letras: Qual é o segredo da sua escrita para conquistar sucessivas gerações?**

**Alice Vieira:** Esforço-me por não ser didáctica. Quando estou a escrever, ponho-me sempre na pele dos miúdos.

**Não ouve a 'criança que há em si'?**

Abomino essa história. Em mim há um adulto. Se calhar, por isso não tenho uma linguagem lamechas, pseudo-infantil, diminutiva. Também não me pongo a dizer *bué* a torto e a direito. Quando se justifica, falo com a linguagem que eles falam. E sobretudo, procuro colocá-los em situações que são as nossas. Vivemos neste tempo e é dele que falo, sem ser moralista.

**Sem moral da história?**  
Não me ponho a dar lições. Em nenhum livro meu aponto os bons e os maus. Os leitores que tirem as suas conclusões. A nossa literatura juveni-

nil ainda é muito cordata e pouco transgressora. Lembro-me que quando comecei, houve pessoas que ficaram muito ofendidas, porque tinha feito um capítulo inteiro sobre a primeira menstruação. Os divórcios agora já são normalíssimos, mas há 30 anos, quando falei disso, as pessoas estranharam. Num dos meus últimos livros, *O Casamento da Minha Mãe*, até falo dos namorados da mãe. Porque as mães têm namorados e muitas vezes namoradas. Quero apenas colocar os miúdos num mundo que é o seu e com o qual se identificam. E não faço nada para lhes agradar.

**Quer dizer que não faz cedências aos jovens leitores?**

Sou muito egoísta. Quando escrevo, só penso em mim. Por outro lado, sou extremamente exigente. Já deitei fora livros inteiros e emendo imenso. Por exemplo, *O Casamento da Minha Mãe*, o que está publicado é uma terceira versão.

**É uma perfeccionista?**

Tenho que ter sempre a certeza absoluta de que não sou capaz de fazer melhor.

**À sua maneira**

**Este ano, tem publicado muitos livros.**  
Até já lhes perdi a conta. Tenho trabalhado mais para a Texto e para crianças mais pequenas, o que não é o que gosto mais de fazer.

**Porquê?**

Gosto de escrever sem pensar para quem o faço. Por exemplo, estou a fazer o novo romance para mim...

**Como se vai chamar?**

*Meia hora para mudar a minha vida*. É uma epígrafe de Adriana Calcanhotto. E sei que é para jovens já crescidos. Quando é para pequeninos,

**“ Não me ponho a dar lições. Em nenhum livro meu aponto os bons e os maus. Os leitores que tirem as suas conclusões. A nossa literatura juvenil ainda é muito cordata e pouco transgressora ”**



é mais complicado, porque tenho que pensar na idade deles. Acabo de entregar o último daquela série dos *Livros com Cheiro*.

**E cheira a quê?**

A banana. Antes foi a canela, a morango, a caramelo e a baunilha. São textos muito pequenos e a editora dá-me sempre um rol de assuntos que tenho que tratar, além de contar uma história com uma certa graça. Dá uma trabalhadeira. Por isso, já disse que seria o último, que se acabaram os *cheiros*. São ideias do marketing. Se não tivessem cheiro, não sei se vendiam tanto. Além desses livros, fiz aquele romance colectivo, *13 gotas ao deitar*, (com Leonor Xavier, Rita Ferro, Rosa Lobato Faria e Catarina Fonseca) para a Oficina do Livro.

**Como se escreve a tantas mãos?**

Tiramos a entrega dos capítulos à sorte. Depois uma faz e manda, a outra continua e divertimo-nos muito. Só é possível com pessoas que se dêem muito bem, embora todas nós sejamos muito diferentes. A editora tem a ideia de fazer um concurso entre os leitores para que tentem adivinhar quem escreveu o quê, porque os textos não são identificados. Já é o quarto livro do género, que fazemos, mas só com mulheres é o primeiro, porque os homens se cansaram e saíram do projecto. Mas também publiquei dois ou três volumes da colecção das *Histórias Tradicionais Portuguesas*, para a Caminho.

**O que lhe interessa trabalhar nos contos tradicionais?**

Quando vou a um sítio que não conheço, gosto de procurar as histórias locais. A literatura tradicional dá-nos muito da maneira de ser de um povo. Fiz uma primeira recolha, há muitos anos, em Macau. Foi muito engraçado ouvir os contadores de histórias e depois escrevê-las à minha maneira. Curiosamente, a minha editora do Brasil editou esse livro, *Contos e Lendas de Macau*, e teve, no ano passado, o prémio da Fundação Nacional do Livro, brasileira, para o melhor texto em Língua Portuguesa. Tentei fazer uma coisa semelhante, há uns cinco anos, em Timor, mas não tive tempo de acabar e quero muito lá voltar para o fazer.

**E as Histórias tradicionais portuguesas não têm fim?**

Quando comecei seriam dez livros, mas todos os anos escrevo mais uma ou duas histórias e estão a fazer reedições das antigas. É uma coisa de que gosto muito. E são histórias que se estão a perder, o que é pena. Nunca pensei que houvesse mães e pais de família que não conhecessem, por exemplo, a *Corre, corre cabacinha*.

**Faz alterações quando fixa essas histórias?**

Para estabelecer a minha versão, leio muitas variantes, mas não altero nada. Há uns anos, havia essa ideia de mudar as histórias, até porque o lobo era muito mau... De resto, vai sair em Outubro um livro que fiz para a Oficina do Livro e de que gosto muito. Chama-se *Contos de Greene para meninos valentes* precisamente porque decidi publicar uma série de histórias de Graham Greene pouco conhecidas e terríveis.

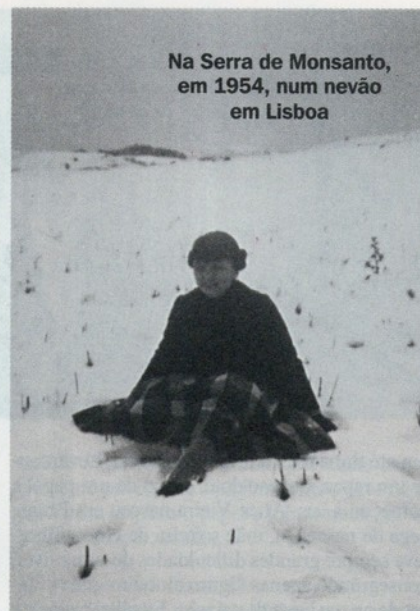
**Até ao fim deste ano ainda vai publicar outros títulos?**

Também em Outubro, vai sair *Rimas perfeitas, imperfeitas e mais que perfeitas*, com poemas para miúdos, cada um sobre um tempo verbal. E há tempos verbais que são muito complicados.

**Qual o tempo verbal com que mais embirra?**



Alice Vieira, em bebé, no dia da Espiga, em 1944



Na Serra de Monsanto, em 1954, num nevão em Lisboa



Durante a campanha eleitoral de Humberto Delgado, num comício no Centro Republicano Fernão Bento Machado, em 1958



Em 1979, no lançamento de *Rosa, minha irmã Rosa*

“As pessoas não conversam. (...) Põem-se em frente da televisão, os miúdos vão para o quarto, para o messenger, e não se usam as palavras”

O pretérito mais que perfeito. Aquele de que gosto mais, porque estou sempre a dar ordens, é o imperativo.

**Movida a café em Outubro, também já terá começado o ano lectivo de idas a escolas. Qual é a média anual?**

Sou certamente a passageira mais conhecida do comboio das seis da manhã, em Santa Apolónia. Deviam ter aquela coisa dos aviões, do passageiro frequente, que eu não parava de ganhar milhas. Faço uma média de 80 escolas por ano lectivo. Esse comboio dá-me jeito, porque chega ao Porto antes das nove da manhã, o que por vezes ainda permite regressar no mesmo dia. Ou então fico uns dias no Porto para ir a um conjunto de escolas. E há algumas, simpáticas, onde faço uma sessão de manhã, outra à tarde, outras em que chego a fazer seis por dia. Mas prefiro mais sessões do que uma única num polivalente com os meninos todos.

**Porquê?**

Porque é preciso criar uma relação com eles. Falarmos num ginásio, às vezes, nem nos conseguimos ouvir. Felizmente vou menos a bibliotecas. Peço sempre que os encontros sejam a partir do 5.º ano e gosto realmente mais de ir a escolas, até porque os miúdos já trabalharam sobre os livros.

**Já tem a agenda preenchida para 2010? Até 2012. É um ritmo frenético. E é quando chego**

a casa, vinda das escolas, que escrevo, noite fora, até às quatro, cinco da manhã. Depois durmo umas horas e às 7h30 já estou no ginásio. Mas sem isso, acho que não aguentava. E uns 20 cafés por dia. Gasto duas embalagens da Nespresso diariamente, até já disse à menina que as vende que eu já tinha direito a receber o George Clooney...

**Leva a escrita com um rigoroso sentido profissional?**

Claro. A escrita é a minha profissão e detesto as pessoas que me vêm com a história dos *hobbies*. *Hobby* é fazer malha. E se é a minha profissão, tenho que a fazer bem, todos os dias, não quando a inspiração vem. Essa é outra ideia que odeio.

**Escreve disciplinadamente?**

Picasso costumava dizer que curiosamente quando a inspiração vinha, encontrava-o sempre a trabalhar. Também a mim. De resto, este é o ritmo que sempre tive. O Renato Boaventura, que era um jornalista de que gostava muito, tinha um ritmo alucinante de trabalho e nunca tinha férias. Um dia decidi que as ia ter, parou e morreu. Cada vez que abrandando, penso nisso. Não sou de me levantar tarde. Nunca mais do que as oito.

**Habitou-se ao horário dos jornais?**

Acho que era a única pessoa do Diário de Notícias que conhecia todas as empregadas da limpeza. Ia levar os miúdos à escola e seguia para o jornal. Gosto muito das manhãs e de trabalhar cedo. Sou muito da claridade, da luz, do sol. Gostava mesmo de só trabalhar de manhã. As noitadas que faço são porque tem que ser.

**Falta falar Não se cansa de responder sempre às mesmas perguntas, nessas sessões das esco-**

**‘Netconvertida’**

Tardou, mas acabou por tornar-se fanática. Só há dois anos trocou a sua máquina de escrever, companheira de muitos e muitos livros escritos – primeiro uma velha Remington, depois uma eléctrica e outras –, pelo computador. Mas quando decidiu a troca foi com carácter definitivo. Aprendeu sozinha, mas não se limitou ao trivial, foi navegando sem parar no mundo digital. Hoje, é uma «viciada» até no Facebook, como diz.

**Tem muitos amigos no Facebook?**

Muitos. É o meu recreio. Passo os dias a trabalhar e de vez em quando apetece-me brincar. Conto ‘cantigas’ de que gosto, preencho aqueles questionários. Outro dia, na-quele que conclui que figura histórica somos, deu-me Jesus Cristo. Não é para todos.

**Mas é uma fã das tecnologias?**

Não. Aconteceu-me aquilo que acontece a todos os recém-convertidos: quase sempre tornam-se fanáticos. Só comecei a escrever ao computador há dois anos, porque achava que era complicado e que nunca me adaptaria. Então, a minha filha teve um argumento convincente. Disse-me que não era nada complicado, até porque era feito para americanos.

**E alguma coisa mudou no processo de escrita?**

A única coisa que verdadeiramente senti foi que trabalho mais depressa. Basta pensar na facilidade das emendas. Sempre escrevi à máquina e foi passar de um teclado para outro. A única coisa que ainda me faz muita falta é o papel. As minhas agendas, os meus Moleskines são um objecto de trabalho imprescindível, porque tomo muitos apontamentos, até mesmo quando estou a trabalhar. Tenho muita pena, mas não sigo aquele conselho do fim dos *mails*, para poupar as árvores... Preciso mesmo de imprimir o que faço. Só vejo o livro em papel. Mas como não tenho carro, já contribuo bem para a defesa do ambiente.

**las? Quantas vezes já lhe perguntaram em que se inspirou para escrever *Rosa minha irmã Rosa*?**

Umas 500. Eu gosto de ir às escolas, mas sou muito crítica em relação aos professores, aos alunos, ao ensino. Nem gosto de falar disso. Todos os anos digo que vou deixar de ir às escolas. Depois, penso que é capaz de ser importante, porque os miúdos podem ter uma relação diferente comigo e com os livros.

**O que fundamentalmente crítica nas escolas?**

Escrevi *Rosa, minha irmã Rosa* há 30 anos e comecei a ir a escolas. E comparando com o que se passa hoje, vejo que os miúdos não fazem leituras diferentes, têm muita dificuldade de expressão, uma capacidade de concentração mínima e são incapazes de conversar. Sei que falo muito depressa, mas até me esforço por falar mais devagar e tenho que repetir muitas vezes a mesma coisa. Estão a olhar para nós e parece que as nossas palavras passam por cima deles.

**Falta de leitura?**

Não, acho que os miúdos não lêem pouco. Se não lessem, as editoras não queriam todas uma colecção ou uma linha infantil e juvenil, isso é que vende. Escolarizados lêem por obrigação, mas além disso também. Basta ver o fenómeno Harry Potter. O difícil é falarem do que lêem e vêem. É o facto de se falar pouco que está a estragar tudo.

**Em que sentido?**

As pessoas não conversam. Dantes, nem





Na redacção do *Diário de Notícias*, nos anos 80

Em Abril de 1983, na Escola N.º 1, da Buraca, desde 2003 Escola Alice Vieira



Na Feira do Livro de Frankfurt, em 1997, com Nikolai Schweder-Schreiner, tradutor de *Os Olhos de Ana Marta*



que fosse para dizer mal da prima, conversava-se em casa. Agora, põem-se em frente da televisão, os miúdos vão para o quarto, para o *messenger*, e não se usam as palavras. Mesmo que leiam, isso nota-se no que escrevem e no que dizem, tal como na dificuldade de perceberem os enunciados dos testes. O ensino é uma área realmente muito complicada. Ainda bem que nunca fui professora. Mas ando pelas escolas todos os dias e afligemo o facilitismo que há por aí, o que deixa andar, o não chatear os meninos. Isso é terrível, porque as crianças precisam de regras, de exigência. É preciso por exemplo habituá-las a trabalhar os textos e não apenas a copiar do computador.

**Sente que é isso que muitas vezes acontece?**

Aconteceu-me uma história fabulosa. Muitas vezes os miúdos olham para o computador, clicam e assinam por baixo. Um dia, cheguei a uma escola e a professora disse-me que os alunos se tinham esforçado muito a preparar a sessão e

um até tinha feito a minha biografia. Levantou-se um rapaz já crescidote, sacou de um papel e começou a ler: 'Alice Vieira nasceu em Braga, cega de nascença, mãe solteira de cinco filhos, teve sempre grandes dificuldades de sobreviver, conseguindo apenas algum dinheiro que vai fazendo no seu lugar de peixe'... Eu olhei para ele e perguntei-lhe se achava que aquilo correspondia a mim e ele respondeu que era o que lá estava na *net*. Fiquei desvairada. Mas essa foi apenas a primeira vez. Não se calcula as vezes em que depois disso já me aconteceu.

**Correspondência em dia. De alguma maneira, acaba por ser ingrato esse esforço de ida as escolas?**

Não. Até me dá material, uma ideia de como eles falam, do que eles gostam. E ao longo destes 30 anos, tudo mudou. Se não tivesse esse contacto com eles, se calhar não era capaz de escrever como escrevo. Sempre tive ao pé de mim gente muito jovem, os meus filhos, os amigos deles,

agora os netos e também os miúdos com quem me correspondo.

**Mantém em dia essa correspondência.**

Há um núcleo duro de pessoas com quem me correspondo há 30 anos, alguns desde que tinham 10. Acompanhei-os à medida que cresciam e agora são médicos, professores, têm filhos. Tenho mesmo uma prateleira com as fotografias daquilo a que a minha neta mais velha chama os «netos postiços». E respondo sempre por carta, de tal maneira os habituei que agora, quando por vezes o faço por *mail*, eles reclamam a carta. Aconteceu isso há pouco tempo, com uma que agora é médica e está em Los Angeles a fazer um estágio com António Damásio.

**São muitos os seus correspondentes-leitores?**

Bastantes. Normalmente, reservo o fim-de-semana para pôr a correspondência em dia. Sempre gostei de escrever cartas e quando vou a algum

sítio, continuo a mandar postais para toda a gente. Tenho uma relação privilegiada com os correios. E envio cartas para os sítios mais diversos, até porque pelo facto de trabalhar para a revista *Audácia* tenho os meus missionários em África. Escrevo muito, por exemplo, para um lar de miúdos em Moçambique, mas também para o Chade, para Darfur... De tal maneira que um rapaz dos correios um dia me disse que não tinham ninguém que enviasse cartas para tais sítios.

**E hoje continua a fazer novos correspondentes?**

Sim. Mas há uma grande quebra. Tudo começa com a resposta a um cartão, que sai nos meus livros da Caminho. Continuam a mandá-los, eu respondo e é muito maior o número de miúdos que se contentam com a minha resposta e não voltam a escrever. Nem mesmo *mails*. Mas os da velha guarda escrevem cartas de muitas folhas. E às vezes aparecem nos lançamentos dos livros, ou as mães no seu lugar.

## Trinta anos de livros e leituras

■ ANA MARGARIDA RAMOS

Alice Vieira está a celebrar 30 anos de actividade literária. Neste longo percurso, iniciado em 1979 com a publicação de *Rosa, minha irmã Rosa*, obra distinguida com o Prémio de Literatura Infantil - Ano Internacional da Criança, tem particular relevo a produção da autora dirigida preferencialmente ao universo infantil e juvenil, ainda que também tenha publicado obras para adultos.

Objecto de vários prémios, em Portugal e no estrangeiro (o mais recente, a Estrela de Prata do Prémio Peter Pan, acaba de ser atribuído à edição sueca de *Flor de Mel*), incluindo, em 1994, o Grande Prémio Gulbenkian, pelo conjunto da sua obra, a autora foi mesmo finalista, em 1998, do Prémio Hans Christian Andersen para o qual foi nomeada duas vezes.

A sua produção reparte-se por diferentes géneros, dos quais se destaca a reescrita da tradição oral, em especial de contos populares – leiam-se os volumes da colecção «Histórias Tradicionais Portuguesas» (Caminho), mas também os textos inseridos em *Eu bem vi nascer o sol* (1994), onde a autora agrupa um conjunto significativo de produções do património oral, desde as lengalengas aos trava-línguas, incluindo textos dos romances, cantigas populares e rimas infantis muito variadas; a edição de contos literários (colecção «Livros com Cheiro»; 2 *Histórias de Natal* (2002) e *Contos e Lendas de Macau* (2002)); e de teatro, com o livro *Leandro, Rei da Helíria* (1991), obra que se aproxima do texto shakespeariano *King Lear*, construída com base no conto tradicional *A Comida sem Sal*, que lhe serve de intertexto. No âmbito da poesia, para além da edição da antologia poética *O meu primeiro álbum de poesia* (2008), deu à estampa *A Charada da Bicharada* (2008), obra que integra um conjunto de poemas-adivinhas, subordinados à temática animal. Neste especial bestiário poético, a dimensão lúdica dilui-se subtilmente no lirismo das composições poéticas, onde, através do olhar e da voz do sujeito poético, às vezes identificado com o próprio animal, é proposta uma revisitação particular, muitas vezes metafórica e simbólica das várias espécies. Contudo, é no âmbito da narrativa juvenil, incluindo novelas e romances, que Alice Vieira se assume como particularmente inovadora, constituindo uma referência incontornável no nosso país. Iniciada com a edição de um tríptico composto pelas narrativas *Rosa, Minha Irmã Rosa* (1979), *Lote 12, 2º Frente* (1980) e *Chocolate à Chuva* (1982), percorridas por uma certa unidade de concepção, a produção literária da autora apresenta um conjunto de eixos cuja assiduidade assegura a sua

coesão ideotemática, configuradores de um macro-texto singular. Estruturadas em torno de problemáticas relevantes, reiteradamente perspectivadas a partir de focalizações internas, capazes de recriar os dilemas existenciais de personagens adolescentes e os seus processos de crescimento, as narrativas e os conflitos que as enformam nunca são lineares ou apresentam unívocas possibilidades de leitura. O universo feminino, alvo de especial atenção, é recriado nas suas múltiplas e complexas dimensões. Diferentes gerações de mulheres, pertencendo a estratos sociais também diversificados, integram uma polifacetada galeria ficcional que acompanha a evolução da sociedade portuguesa nas últimas décadas, dando conta, simultaneamente, dos seus elementos estruturantes, assim como das suas tensões e fracturas, problematizando estereótipos e comportamentos tipificados, em obras como *Águas de Verão* (1985), *Às Dez a Porta Fecha* (1988), *Úrsula, a Maior* (1988), *Caderno de Agosto* (1995), *Se Perguntarem por Mim Digam que Voei* (1997) ou *Um Fio de Fumo nos Confins do Mar* (1999).

“ [Na obra de Alice Vieira] as estruturas afectivas e sociais, como a família, são submetidas a intensos processos de análise e questionamento, revelando as suas falhas e forças ”

Apesar de fortemente ancoradas no universo juvenil, a partir do qual são narradas, as intrigas não passam ao lado de um conjunto muito abrangente de preocupações de outros grupos etários, dando voz a outras personagens, recriando diálogos geracionais particularmente ricos e afectivamente produtivos. Situações traumáticas, como a perda, a negligência ou abandono afectivos, são alvo de tratamento frequente, permitindo a problematização de experiências e emoções. Leiam-se, nesta linha, textos como *Paulina ao Piano* (1985), *Flor de Mel* (1986), *Os Olhos de Ana Marta* (1990) e, mais recentemente, *O Casamento da minha Mãe* (2005).

Estruturas afectivas e sociais, como a família, são submetidas a intensos processos de análise e questionamento, revelando as suas falhas e forças. A questão da identidade, tanto em termos individuais como nacionais ou culturais, incluindo a relação com o passado e com a História, é outra das linhas de força da produção narrativa de Alice Vieira. Esta última questão, particularmente relevante, alvo de

tratamento romanesco no díptico composto pelas obras *A Espada do Rei Afonso* (1981) e *Este Rei que Eu Escolhi* (1983), volta a surgir com particular relevância em *Promontório da Lua: histórias* (1991). Seguindo as tendências contemporâneas da moderna metaficção historiográfica (ver Linda Hutcheon, 1988, ou Elisabeth Wesseling, 1991), é proposta uma perspectiva alternativa em relação ao discurso historiográfico oficial, dando voz a outros intervenientes. Esta tendência para questionar a escrita da História serve igualmente de mote a *Vinte e Cinco a Sete Vozes* (1999), onde sete personagens, de diferentes gerações, dão conta das suas perspectivas particulares sobre o 25 de Abril de 1974, submetendo-o ao seu crivo pessoal e subjectivo, forma de apropriação íntima da própria História.

Do ponto de vista da organização narrativa, sublinhe-se o recurso a estruturas romanescas particularmente complexas, como acontece com o cruzamento de diversos fios narrativos, com o recurso ao monólogo interior ou ao discurso indireto livre e, sobretudo, com a introdução de níveis diegéticos distintos através da técnica de encaixe. O tempo, alvo de várias manipulações, é também um elemento determinante para a construção de uma estrutura narrativa que foge a modelos lineares e sequenciais. Recorrendo a um estilo e uma linguagem muito pessoais, Alice Vieira cria um registo único, capaz de cruzar momentos de grande humor, em resultado da combinação de vários tipos de cómico que explora com singular mestria, com outros de forte tonalidade lírica e intensidade dramática e emocional. A vivacidade dos diálogos e a fluidez das descrições resultam, em grande medida, da forma como a autora explora todas as potencialidades da língua, criando expressivos jogos de palavras, tanto em termos sonoros, como morfológicos e sintáticos. O recurso assíduo à enumeração e à anáfora, a criação de paralelismos estruturais e a exploração das potencialidades simbólicas da adjectivação são responsáveis pela criação de um discurso simultaneamente acessível e cativante, também do ponto de vista rítmico e melódico.

Em conclusão, saliente-se, pois, o relevo de Alice Vieira no panorama literário e editorial português, autora de dezenas de obras cuja leitura não cabe, naturalmente, nos limites deste texto. Alvo de várias investigações de teor académico, em Portugal e no estrangeiro, para além dos estudos mais pontuais de Natércia Rocha, Álvaro Salema, Maria Lúcia Lepecki, José António Gomes, Natividades Pires, Isabel Vila-Maior, e outros, as suas novelas e romances juvenis determinam e ilustram uma mudança do paradigma literário, por altura do final dos anos 70, no que respeita à escrita para crianças e jovens, valorizando uma certa introspecção e complexidade temática e diegética em detrimento da tendência da narrativa de aventuras de estrutura mais ou menos codificada. ●





Em Junho de 1999, na Feira do Livro de Chantade, na Galiza

Na Biblioteca Infantil de Basileia, na Suíça, em Maio de 2001

Com alunos da Escola Portuguesa de Díli, em Timor, em Novembro de 2005

**Nestes 30 anos, os seus livros fizeram certamente muita gente ter vontade de ler. É motivo de orgulho?**

Aquilo que realmente me agrada é a quantidade de gente que vem ter comigo e me diz isso. Na última Feira do Livro de Lisboa, uma rapariga cabo-verdiana de 30 e poucos anos passou por mim, deu-me uma carta e foi-se embora. É uma das cartas mais bonitas que me mandaram. Ando com ela na carteira e não consigo responder-lhe porque só tem o nome dela. Diz precisamente que os meus livros a ajudavam muito e que se algum dia eu estivesse menos bem devia lembrar-me de todos aqueles que tinha ajudado. Outro dia, fui à biblioteca de S. João da Madeira e depois jantei num pequeno restaurante e reparei que o dono, um rapaz de uns 30 anos, estava sempre a olhar para mim. Às tantas, aproximou-se e disse-me também que tinha começado a gostar de ler por causa dos meus livros. E foi buscá-los. É bom sentir que o que fazemos serve para alguma coisa.

**Livros por velórios Começou a ler muito cedo?**

A ler e a escrever. Aprendi sozinha, muito pequena e ajudou-me a sobreviver, porque tive uma infância complicada, sem crianças ao pé de mim. Tinha mais irmãos, mas nunca vivemos juntos, nem com os meus pais, mas com tios mais velhotes. Os livros foram os meus amigos, os meus brinquedos. Uma das recordações mais antigas que tenho é estar diante do espelho a contar-me histórias.

**Que tipo de livros lia?**

Tudo. Devo a minha paixão pela literatura a muitos livros maus que li, aqueles dramalhões que liam as minhas tias velhas. Chorava imenso e tinha sempre vontade de ler mais. Por isso, nunca digo a alguém para não ler um livro por ser mau. Nunca se sabe qual é o toque que nos leva a gostar de outros. Eu não gosto, mas Paulo Coelho é capaz de fazer ler muita gente.

**Na sua infância, tinha muitos livros?**

Nas casas por onde andei havia muitos e podia mexer neles à vontade. Era uma maneira de me manterem sossegada. Além disso, a minha vida de criança foi uma grande mistura de mortos e de vivos. Cada vez que morria um velhote na família, as pessoas vinham ao velório e traziam flores para o morto e um livro para mim. A isso devo a minha grande biblioteca infantil.

**Houve algum livro que então a tivesse marcado especialmente?**

Desde muito pequena, tive a felicidade de ter descoberto Erico Veríssimo. Por isso, tenho a sua fotografia na parede, mesmo diante do computador. Foi a minha grande descoberta, porque percebi que se pode escrever uma história quase sem história, porque as palavras em si têm força, cheiro, cor. Adorei *Clarissa, Música ao Longe* ou *As Aventuras de Tibiquera*. Curiosamente foi pela via do Brasil que tive contacto com a grande Literatura.

**Acha que hoje também é diferente a relação com os livros?**

Claro que surgiram os e-book, mas para mim

é indispensável o contacto com os livros. Mas é qualquer coisa que se está a perder. Outro dia, ia a subir a Rua dos Clérigos, no Porto, e vi uma daquelas lojinhas que vendem revistas de *crochet* e livros, tudo ao monte, cheio de pó. Olhei para a montra e vi um livro que tinha tido quando era miúda. Chamava-se *A História dos dois Orphanzinhos*, ainda com «ph». Entrei para comprar esse livro de que tinha gostado muito, de que ainda me lembrava do cheiro. Estava lá uma rapariga que vinha devolver um outro livro, porque estava estragado e não se podia ler. E então o que era? Tinha as folhas ainda por abrir... Fartei-me de rir. Mas estou convencida de que vai continuar a haver livros em suporte de papel, como agora se diz,

**Mas já tem um dos seus livros em suporte digital.**

Foi uma gracinha. É uma das histórias tradicio-

nais, o *Pinto Pimpão*. O e-book é muito engraçado, até se vê virar a página. Mas o acto de ler para mim implica o papel e tomar notas. Só sei ler com o lápis na mão.

**O reino do chumbo Como passou das histórias ao espelho para a escrita de livros para serem publicados?**

Já entrei para os jornais pela via da Literatura. Mário Zambujal está sempre a dizer que me conheceu na redacção do jornal de soquetes. É mentira. As meias já eram pelo joelho. Comecei pelo *Diário de Lisboa Juvenil*. Estava no liceu e publiquei um texto numa caixinha de uma reportagem do Renato Boaventura. Começava assim: «Lisboa tem cinema às seis»... Tudo o que sei de jornalismo aprendi no DL, no duro, no chumbo, a ler as coisas ao contrário. A tipografia era o meu reino.

**E sonhava ser escritora?**

Todos nós que escrevemos nos jornais, temos a ideia de um dia escrever qualquer coisa que não dure só um dia. Mas não pensava passar à escrita literária. *Rosa minha irmã Rosa* foi mesmo uma brincadeira, uma coisa caseira, para os meus filhos, e nunca pensei publicar o que estava a escrever. Por isso, costume dizer que o meu primeiro livro foi o segundo.

**Uma brincadeira que se tornou rapidamente um caso sério.**

Apanhou-me completamente desprevenida. O livro vendeu-se muito, houve logo uma reedição e mais outra. A editora pediu-me outro livro. Comecei a ser convidada a ir a escolas.

**E decidiu ser uma escritora infanto-juvenil?**

Mesmo aí, não pensei nisso. Depois do êxito da *Rosa*, achei normal que a editora me tivesse pedido outra história. Tanto assim que o segundo livro, *Lote 12, 2º Frente*, é a continuação do primeiro. Isto embora deteste continuações que nunca mais acabam. Só fiz essa primeira trilogia, que encerrou com *Chocolate à Chuva*. Mas pensei que tudo ficava por aí. Só que a dada altura passei a ter duas profissões, porque não podia largar o jornalismo. Uma escrita descansava a outra, mas foi muito complicado pela acumulação de trabalho. Tinha folgas no jornal à terça e à sexta para poder aproveitar para ir às escolas. Mas o jornalismo também me fazia falta.

**Está traduzida em muitos países, acaba de ganhar mais um prémio na Suécia. Como tem corrido a recepção dos seus livros lá fora?**

Publicar um livro no estrangeiro não é difícil. Conhece-se sempre alguém que tem uma editora. A questão é sempre saber se aguenta uma segunda edição. Por exemplo, *Os olhos de Ana Marta* está traduzido em muitos sítios, ganhou um prémio em França, mas na Alemanha já está na sétima edição. Isso interessa-me, porque é um livro realmente lido, já fui lá a muitas escolas.

**Quer dizer que também vai a escolas lá fora?**

Ah, sim. E gosto de chegar, por exemplo, às bibliotecas na Venezuela e ver lá os meus livros. Ainda levo máquina para os fotografar... É giro ser lida na América Latina e traduzida na China, ter reedições em Espanha.

**Mas não é isso que a faz correr?**

Não, não.

**Então o que a motiva ainda para continuar com toda essa energia ao fim de tantos anos e livros publicados?**

Estou a fazer uma coisa de que gosto. Se calhar todos os dias me apetece parar, porque estou muito cansada. E dou por mim a pensar por que não tenho antes uma casa de comidas, visto que até cozinho bem... Ou por que não faço uns *crochets* para fora, até porque sou muito prendada. Mas são coisas que se dizem da boca para fora. Nunca tenho mais de uma semana de férias, aí não levo computador comigo e fico com comichão nos dedos. Sinto falta de teclar, de escrever. ●

## Heterónimo poético

É pela literatura infanto-juvenil que fundamentalmente a conhecem, mas Alice Vieira também escreve para gente mais crescida. Publicou recentemente um segundo livro de poesia, *O que Dói às Aves* e o primeiro, *Dois Corpos tombando na água*, apanhou de surpresa até o júri do Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho, que venceu. Os poemas são, de resto, um departamento à parte na sua fértil produção literária. Mais justo seria atribuir-lhe um heterónimo, garante a poetisa.

**O seu sucesso como escritora infanto-juvenil ofuscou, de alguma maneira, a sua escrita para os mais velhos?**

Não. No caso da poesia, devia ter assinado com um heterónimo, porque sinto mesmo que é outra pessoa.

**Como?**

O processo de escrita é completamente diferente. A poesia é a única coisa que escrevo à mão e por rasgos. De repente, surgem-me frases que tenho que escrever. Não ouço vozes, mas quase... Por isso só publiquei dois livros. Tanto um como outro correspondem a épocas da minha vida, são histórias que não têm nada a ver nem com o estilo, nem com a maneira de escrever dos outros livros. De resto, o primeiro ganhou o prémio e quando me telefonaram a anunciar, o Fernando Pinto do Amaral só me dizia que quando abriram o envelope, já que tinha obviamente concorrido com pseudónimo, nem queriam acreditar que era mesmo eu a autora dos poemas. Ficaram muito admirados.

**A poesia corresponde a uma face menos conhecida da sua personalidade, mais reservada e emocional?**

Evidentemente, é uma poesia de amor, mas também é muito cerebral. Corresponde a momentos em que tenho que parar o que estou a fazer e escrever de rajada.

**Gostava de escrever mais para adultos?**

Não faço grande distinção. Quando entreguei *Se perguntarem por mim digam que voei*, o José Oliveira, da Caminho, nunca mais me dizia nada e comecei a perguntar-me se não teria gostado. Demorou, mas lá telefonou e disse-me que achava que aquilo não era um livro para jovens e que queria publicá-lo na colecção de ficção normal. Mas eu achei que podia não ser para adolescentezinhos, mas era para jovens. O engraçado é que, tirando a *Rosa*, é o livro acerca do qual recebo mais cartas, às vezes de miúdas mais novas do que eu esperava. Nunca se sabe bem qual é a fronteira. Mas é engraçado que já encontrei duas ou três pessoas que me disseram que iam dar os meus livros de poemas aos filhos, de 10 anos, que gostavam muito de poesia, e fiquei danada. Não são para miúdos. Ler não é perceber. Mas gosto de escrever para adultos. Até tenho uma encomenda da Dom Quixote, para sair em Março do próximo ano. E será o primeiro romance para adultos só meu.

**Já começou a escrevê-lo?**

Um de cada vez. Ainda agora comecei *Meia hora para mudar a minha vida*.

**E como começa um romance?**

Por uma imagem. Não tenho ideia nenhuma e de repente é como se estivesse a ver um filme. Sigo essa imagem, mas não quer dizer que cinco ou seis capítulos mais à frente não chegue à conclusão de que tudo o que escrevi não serve e comece tudo de novo.

**Qual a imagem inicial do novo romance?**

Um carro que se afasta e uma miúda que fica a olhá-lo. Não vai ser um livro muito cor-de-rosa. Normalmente alterno e o último, *A vida nas palavras de Inês Tavares*, era muito divertido. A dona Maria Amália Vaz de Carvalho, que percebia muito disto, dizia que os meninos precisam de histórias para rir e histórias para chorar.